

Circular

15

Maio de 72

boletim dos colaboradores da a.e.f.c.l.

1 - O que é a Circular ?

A "Circular" é o boletim para uso dos colaboradores da Associação. Ela serve para preparar reuniões para ajudar à formação crítica dos colaboradores, em suma, para uma maior eficiência e bom nível do trabalho da Associação.

2 - Mas, quem são os colaboradores da Associação ?

Muitos estudantes da Faculdade no decorrer duma luta pela defesa dos seus interesses pedagógicos ou culturais (por exemplo os processos da "Física da Matéria" no 1º de Matemática, de "Algebra Linear na Física e Química ou na Engenharia, das "folhas" na Biologia; ou o inquérito, os "gorilas" a nível de toda a Faculdade) organizaram-se e organizam-se no seu trabalho de informação, preparação de reuniões de curso, boicotes, etc..., Esses estudantes são a base das comissões de curso, são os colaboradores da Associação. Há no entanto uma certa noção por parte destes estudantes de que a designação de "colaborador" se restringe ao núcleo mais estreito dos que trabalham mais regularmente nas comissões de curso; esta é uma noção errada, há que corrigi-la.

REUNIÃO GERAL DE COLABORADORES

SEGUNDA
15 h
S. ALFABETIZAÇÃO

. Porquê uma R.G.C. ?

Com vista a definir formas concretas de luta da parte de todos os estudantes de Ciências, face às convocações para interrogatórios sobre o inquérito do CE, indícios de processos disciplinares, processo de abolição das faltas, época de Outubro, etc..., é necessário que os estudantes das comissões de curso se debrucem sobre estes problemas, com o fim de os resolver.

Por outro lado, é preciso que todos estejamos completamente esclarecidos sobre a questão da expulsão do Jara, embora este aspecto particular da luta contra o oportunismo, não seja, por agora, o ponto fulcral da nossa luta.

. Ordem de Trabalhos

- 1 - Sobre a expulsão de RIA do provocador-Jara
- 2 - Sobre o trabalho Interno
 - o inquérito e as possíveis suspensões
 - as faltas e a época de Outubro
 - a discussão do anexo

. Explicitação da O.T.

Por um lado, serão discutidos e analisados os acontecimentos das últimas RIAs, face às calúnias e provocações do Jara que levaram à sua expulsão da RIA. Este ponto tem por objectivo ver se os estudantes das comissões de curso estão perfeitamente esclarecidos sobre:

- 1 - a posição da Direcção da AE na Reunião Inter Associações na sequência de decisões já tomadas em Reuniões Gerais de Alunos e com base na Declaração da Direcção (Dez 71) quando do seu aparecimento no princípio deste ano lectivo,

NESTE NÚMERO:

- O que é a Circular
- Explicitação da ordem de trabalhos da Reunião Geral de Colaboradores

2 - as diferenças entre divergências e provocações e como tratar umas e outras
(aqui transcrevemos um texto do Programa de Trabalho do MAEESL 70/71, já incluído na Circular 9).

Em cada momento surgem divergências entre os colaboradores. Isto não pode deixar de ser assim. Essas divergências são o reflexo da luta entre as ideias correctas e as incorrectas no seio do movimento.

Se essas divergências não se resolvem não podemos conquistar uma verdadeira unidade, não podemos actuar em conjunto e ordenadamente; é por isso que nós devemos desenvolver um método para a resolução destas contradições. Esse método é o da crítica e da auto-crítica.

Há divergências que só podem ser resolvidas por votação; no entanto, antes da votação, deve-se discutir, colocar abertamente as divergências. Há outras divergências que não podem ser resolvidas no seio do MAEESL, são as que opõem associativos a anti-associativos, e que se resolvem expulsando os anti-associativos, os oportunistas declarados.

3 - as repercursões no trabalho interno e federativo

A primeira vista poderá parecer que a discussão em RIA das provocações do Jara conduziu a um atraso sensível no trabalho interno e federativo, a uma dispersão de forças, e que teria sido melhor não o ter feito.

Será isto correcto?

É evidente que não; isto é o mesmo que admitir que é possível a unidade com provocadores; é esquecer que tal comportamento daria cobertura a novas provocações (que poderiam ter repercursões ainda maiores), e que o Movimento Associativo não pode progredir enquanto anti-associativos andarem mascarados de dirigentes.

O facto de ter havido um atraso na orientação do trabalho interno, é devido mais ao mau funcionamento dum grupo directivo do às incidências desda questão no trabalho desse grupo.

Poderá ainda parecer que tais 'dirigentes' conseguiram o apoio de muitos estudantes; mas isto é ilusório: só momentaneamente e com base em dados falsos (como em Medicina, como no Técnico) é que conseguem este apoio. O saldo final, será sempre a favor de quem colocou o problema correctamente; as mentiras, não são mais do que uma tentativa dos provocadores e dos oportunistas para tentarem adiar o seu desmascaramento e continuarem infiltrados no Movimento Associativo.

por outro lado cabe à RGC decidir como continuar o processo das faltas, como conduzir a luta contra o inquérito e os possíveis processos disciplinares, e como articular isto com a discussão dos objectivos porque lutam os estudantes, conforme se decidiu na RGA de 11/4.

Tendo em conta o nosso objectivo a curto prazo definido no P. de T. - primeira radicação da AE na Faculdade - e a prioridade que os colaboradores deram, na fase actual ao reforço organizativo, todos os processos devem ser conduzidos nesse sentido.

O inquérito

O inquérito, pelas consequências que pode trazer (processos disciplinares) visa a intimidação dos estudantes em geral e dos colaboradores em particular, tentando levar-nos a um estado de aceitação passiva de tudo o que na Universidade nos impõem.

É essencialmente um golpe na nossa organização, na medida em que tenta impedir que nos organizemos para resolver os nossos problemas.

Como responder ?

A entrada dos gorilas pôs-nos um problema semelhante: eles queriam impedir-nos de afixar cartazes e de reunir.

Duas soluções se punham: ou recuávamos perante eles e ficávamos quietos e talvez o CE os mandasse embora, ou desenvolvíamos uma luta que nos garantisse o direito de reunião e de livre informação, obrigando o CE a desistir dos gorilas por anularmos as funções que tinham.

Optámos pela segunda porque a considerámos a única correcta, porque a primeira só aparentemente poderia ser uma vitória; logo que retornássemos a prática de afixar cartazes, de reunir o CE voltaria a tomar medidas pois tinha visto que isso dava resultado.

Na luta contra o inquérito duas opções surgem também: abandonarmos a resolução dos problemas,

não participando nas comissões de curso ou pelo contrário lutarmos pela resolução desses problemas, alargando as comissões de curso a um número cada vez maior de estudantes, destruindo assim, pura e simplesmente, qualquer tentativa do CE para isolar pessoas.

a única hipótese correta é esta última, pois só ela garante que o inquérito desapareça: ao ataque à organização nós respondemos reforçando-a.

Para o conseguirmos, é necessário analisar a situação actual - existência de convocatórias - e o modo como ela vai evoluir para tomarmos medidas que garantam a existência de estruturas a dirigir o trabalho associativo e para decidirmos como mostrar aos estudantes o significado deste inquérito, o que o CE pretende com ele e a importância de discutirmos os objectivos porque lutamos, pondo logo a seguir esta discussão em prática.

As faltas

Dado o carácter repressivo e chantagista das faltas, a RGA achou conveniente e correcto a sua abolição.

A RGA apoia pois, cada curso, cada cadeira que depois de analisar as suas condições específicas (aderência dos estudantes, grau de mobilização, posição dos professores, etc...,) decidam como abolir as faltas.

Na Biologia as pessoas da Comissão de Curso organizaram-se já no primeiro e segundo ano, fizeram o levantamento dos dados que lhes permitem escolher qual o processo adequado para abolir as faltas em cada cadeira.

O mesmo se está a fazer no segundo e terceiro ano de Matemática.

No 1º de Engenharia, há algumas aulas práticas de Mecânica Física I onde os alunos se recusaram a assinar as folhas.

Na Física-Química levantou-se um problema, a nível de uma cadeira do 4º Ano (Ed.), pois após decidirem não assinar as folhas, os alunos da cadeira puseram em causa a decisão tomada, com base em se seria ou não correcto fazê-lo antes de isso ser um caso generalizado a todo o curso.

Notemos o seguinte: embora não seja necessário que desapareçam as faltas ao mesmo tempo em todas as cadeiras, o desaparecimento delas numa cadeira exige que se esteja a desenvolver processos nesse sentido nas outras, sob pena de isso fracassar por falta de apoio dos restantes estudantes.

O problema da Química-Física ilustra bem a situação que se criou: precisamos, pois, face a ela, ver como coordenar a actividade de todos os cursos e unificar o processo das faltas.

O processo das faltas, tal como o inquérito, deve servir para consolidarmos as comissões de curso, alargando o número de colaboradores e formando-os criticamente através da integração dos estudantes em comissões de levantamento de dados e da discussão feita à volta das faltas, seu significado e sua incompatibilidade com o nosso objectivo geral.:

Por aqui se vê qual a articulação a dar ao processo das faltas e a discussão dos objectivos.

Só na medida em que tomarmos isso em conta conseguiremos conduzir correctamente o processo, ou seja, dirigir a nossa luta no sentido da Universidade Popular.

Atenção: na Circular 14 o primeiro texto saiu incompleto e com algumas incorrecções que serão esclarecidas em breve.